

Roteiro: O Rei e o Cadáver

Peça Central (PC)

Cena 1 – pgs. 3 e 4

Cena 2 – pgs. 4 a 6

Cena 3 – pgs. 6 e 7

Cena 4 – pgs 7 a 10

Cena 5 – pg. 16

Cena 6 – pg. 21

Cena 7 – pg. 26

Cena 8 – pg. 29

Cena 9 – pgs. 33 e 34

Cena 10 – pgs. 34 a 36

Peça Central (PC) - Personagens

O Narrador, O Rei, Súditos (na fila), A Princesa, O Asceta / Feiticeiro, O Tesoureiro, O Cadáver.

1ª Peça Paralela (1ª PP) – O Príncipe e a Donzela

Cena 1 – pgs. 10 e 11

Cena 2 – pgs. 11 a 14

Cena 3 – pgs. 14 a 16

1ª Peça Paralela (1ª PP) – O Príncipe e a Donzela

O Príncipe, O Amigo do Príncipe, A Donzela, A Velha Senhora. Talvez incluir os pais da Donzela.

2ª Peça Paralela (2ª PP) – As Filhas do Brâmane

Cena 1 – pgs. 16 a 18

Cena 2 – pgs. 18 e 19

Cena 3 – pgs. 19 a 21

2ª Peça Paralela (2ª PP) – As Filhas do Brâmane

A Primogênita (Filha 1), A Filha do Meio (Filha 2), A Caçula (Filha 3), O Aluno, O Brâmane, A Feiticeira, A Criança.

3ª Peça Paralela (3ª PP) – O Filho Póstumo do Ladrão

Cena 1 – pgs. 21 a 23

Cena 2 – pgs. 23 e 24

Cena 3 – pgs. 24 e 25

3ª Peça Paralela (3ª PP) – O Filho Póstumo do Ladrão

O Ladrão, A Velha Mãe, A Filha, O Brâmane, O Rei, O Filho Póstumo, Tesoureiro, Sacerdote.

4ª Peça Paralela (4ª PP) – O Conto das Cabeças Invertidas

Cena 1 – pgs. 26 e 27

Cena 2 – pgs. 27 a 29

4ª Peça Paralela (4ª PP) – O Conto das Cabeças Invertidas

O Esposo, A Esposa, O Amigo, Kali.

5ª Peça Paralela (5ª PP) – O Parentesco Indecifrável

Cena única – 29 a 33

5ª Peça Paralela (5ª PP) – O Parentesco Indecifrável

O Pai, O Filho, A Rainha, A Princesa.

Peça Central (PC)

1º ATO

Cena 1 – PC

Narrador: Senhoras e senhores! Foi extraordinária e, ao mesmo tempo, terrível a maneira como o Rei se viu envolvido na aventura.

(Abre a cortina. O Rei está sentado em seu trono com o Tesoureiro ao seu lado direito. A sua frente há uma fila de pessoas esperando para falar com o Rei, enquanto o primeiro da fila já age como se estivesse falando com ele. Cada uma das pessoas carrega um presente em suas mãos. A segunda pessoa da fila é o Asceta).

Narrador: Diariamente, durante dez anos, aparecia no salão de audiências, onde o Rei solenemente sentado ouvia petições e dispensava justiça, **(O Asceta passa a ser o primeiro da fila. Faz uma prostração)**, um Asceta mendicante que, sem dizer uma palavra sequer, lhe oferecia uma fruta. **(O Asceta faz a oferenda e segue-se como na descrição que o Narrador está dando da cena)**. O soberano aceitava o presente trivial, passando-o, sem pensar nem um instante, a seu Tesoureiro, que permanecia em pé ao lado do trono. Sem fazer pedido algum, o mendigo se retirava. Perdia-se na multidão de suplicantes, não revelando o menor sinal de desapontamento ou impaciência.

(O Asceta sai de cena, o terceiro da fila entrega seu presente e começa a conversar com o Rei. A luz do palco diminui e a narrativa prossegue).

Narrador: Porém, o Rei sentiu sua nobre rotina se abalar quando a morte soprou nas janelas de seu palácio, o avisando de sua existência.

(A luz retorna ao palco. O Rei e o Tesoureiro ainda se encontram na sala do trono, entretanto, não há mais súditos).

Princesa: (Com fraqueza entrando na cena). Pai...

Rei: (Preocupado se aproximando da filha). O que foi minha filha?

Princesa: ...não estou me sentindo bem. **(Ela desmaia e o Rei a pega em seus braços. O Tesoureiro apenas observa sem saber como agir, até que o Rei olha para ele).**

Rei: Chame os médicos! **(Com urgência).**

Tesoureiro: (Indo até a entrada do palco ele grita). Guardas! Chamem os médicos! Rápido!! **(Ele se aproxima novamente do Rei e se ajoelha ao seu lado, sem tocá-lo).**

Rei: (Com o olhar fixo no rosto de sua filha diz com medo). Ela está fria. Ela está morrendo!

Tesoureiro: Não diga isso meu senhor. Ela é uma jovem forte.

Rei: (Sentindo sua filha se mexendo). Filha?

Princesa: (Com a voz fraca). Pai! Ajude-me, por favor.

Rei: (Com muita tristeza) Não irei lhe perder como perdi sua mãe.

Princesa: Confio em você... pai. Sei que me salvará. **(Eles se abraçam).**

Narrador: O Rei era uma pessoa muito confiante em suas próprias capacidades, mas naquele momento, ele se sentiu impotente, e se pos a pensar durante toda à noite.

(Fim da Cena 1 da PC).

Cena 2 – PC

Narrador: Na manhã seguinte, mesmo extremamente cansado por não ter dormido, e preocupado com a notícia que os médicos deram, o Rei foi ao salão de audiências e sentou-se no trono, para ouvir as petições e fazer justiça.

(Abre a cortina. Rei no trono e o Tesoureiro ao seu lado direito. Há uma pequena fila a sua frente. Ele recebe presentes e escuta o que os súditos têm a dizer, sempre demonstrando cansaço e preocupação. Uma pessoa acaba de ser atendida e a segunda lhe dá seu presente e começa a falar).

Narrador: A preocupação do Rei era imensa. Os médicos disseram a ele, logo de manhã, que não haviam descoberto nada a respeito do mal que afligia sua filha, mas que percebiam ser muito grave.

(Ele termina de atender a segunda pessoa da fila).

Rei: (Voltando-se ao Tesoureiro, antes desse permitir que a terceira pessoa vá falar com ele). Não consegui atender corretamente essas pessoas. Não sei se estar aqui foi a melhor coisa que fiz

Tesoureiro: Se o senhor preferir, posso dispensar os últimos súditos e dizer que o senhor não tem disposição para terminar de atendê-los hoje e peço para voltarem amanhã.

Rei: (Percebendo que o último da pequena fila é o Asceta). Não, faltam poucos. Além do mais, receberei o presente daquele Asceta com mais dignidade, quem sabe assim eu gero algum mérito que possa me ajudar a cessar o mal que aflige minha filha.

Narrador: (O rei começa a atender o terceiro da fila). Sabendo que ao agradar uma pessoa santa, gera-se mérito para se livrar dos maus acontecimentos, o Rei opta por se sacrificar mais um pouco e receber com o coração aberto o presente do Asceta. **(Ele termina de atender a terceira [e penúltima] pessoa e o Asceta se aproxima se prostrando na frente do Rei).**

Rei: (O Asceta lhe oferece sua fruta, como de costume. O Rei, dessa vez, a pega com as duas mãos e sorrindo). Aceito com imensa gratidão seu humilde presente.

Asceta: (Nada responde, nem mesmo olha para o rosto do Rei. Apenas une as mãos na altura do coração e se curva levemente, virando-se e partindo, deixando o Rei a sós com o Tesoureiro).

Rei: Como posso aceitar de coração uma fruta sem saboreá-la? **(Pensa em voz alta. Aproxima a fruta da boca e a morde. Da fruta cai uma jóia. Surpreso).** O que é isso?

Tesoureiro: (Também surpreso). É uma jóia, meu senhor!

Rei: Pegue-a! O que você fez com as outras frutas que o Asceta me deu?

Tesoureiro: (Enquanto pega a jóia e a observa). Joguei-as pela janela da sala do tesouro, meu senhor. Não imaginava que teriam tanto valor.

Rei: Vá vê-las!

Tesoureiro: (Com urgência). Sim, meu senhor! **(E parte).**

Rei: (Intrigado e sozinho na sala de audiências, se põe a pensar em voz alta). O que mais esse Asceta esconde? **(Pausa pensativa).** Será que ele pode ajudar minha filha? **(Mais uma pausa pensativa, interrompida pelo retorno do Tesoureiro).**

Tesoureiro: (Ansioso e surpreso). No meio das frutas podres haviam milhares de jóias! O que faremos, meu senhor?

Rei: (Pensativo). Pegue-as para você.

Tesoureiro: (Muito surpreso). P-pra mim?

Rei: Sim, pra você. Amanhã, antes de deixarmos a fila começar a andar procuraremos o Asceta e faremos o seguinte... **(Ele começa a conversar com o Tesoureiro, mas sem som, pois a voz do Narrador os sobrepõe).**

Narrador: O Rei havia visto uma luz. Uma leve e discreta luz, mas que não poderia ser desperdiçada. **(A luz diminui).** Na manhã seguinte, as portas do salão foram abertas e a fila começou a ser preparada pelos guardas quando...

Rei: (Voltando-se ao Tesoureiro). Lá está o asceta! Peça para que todos se retirem e traga-o a mim.

Tesoureiro: Sim, meu senhor. **(Vai até a saída do palco e diz).** Atenção todos! O rei não está com disposição hoje, e pediu para que os dispensasse a todos. **(Ouve-se pessoas murmurando).** Vejo um asceta entre vocês? **(Diz como quem não quer nada).** Sim você! Por favor, venha até o rei pois ele quer falar com o senhor.

(O Rei apenas observa e o Asceta entra em palco, sendo acompanhado pelo Tesoureiro até próximo ao Rei).

Asceta: (Prostrando em frente ao Rei). No que posso ajudá-lo, majestade?

Rei: (Equilibrado). Vi as jóias que me deu durante todos esses anos. Quanta paciência teve em me dá-las, sem nada pedir em troca, para que eu reconhecesse seu valor, grande asceta! **(Emotivo).** Mas não quero as jóias! Trocaria todas elas pela vida da jóia mais valiosa de minha vida: minha filha! **(Ele dá uma pausa como se quisesse conter as lágrimas).** Peço, por sua bondade, que a cure.

Asceta: (Após ouvir tudo com um olhar compassivo e grande paciência). Majestade fico contente em poder ajudá-lo. Tenho aqui um elixir que é capaz de curar quaisquer males físicos, porém, ele é incapaz de curar males espirituais como maldições. **(Ele entrega o elixir diretamente nas mãos do Rei).** Dê a ela todo o frasco e amanhã eu voltarei. Se ela não estiver curada, será outro procedimento que terei de fazer, mas nesse caso, precisarei de suas mãos.

Rei: O que for necessário, santo homem.

(Fim da Cena 2).

Cena 3 – PC

Narrador: (A cortina se abrindo. Sala de audiências. Rei no trono triste e preocupado). Na manhã seguinte, o Rei nem mesmo deixou com que os súditos adentrassem a sala de audiência. Pediu ao Tesoureiro que dissesse a todos que não estava disposto a atender. Foi a primeira vez que isso ocorreu, desde que substituiu seu pai no trono. (Tesoureiro entra em cena).

Rei: (Levantando-se ansioso). Cadê o Asceta?

Tesoureiro: Não tenho notícias, meu senhor. Os guardas já foram avisados para deixá-lo entrar.

Rei: (Ainda ansioso): Mas e se ele não vier?

Tesoureiro: Então não será um homem de palavra. Demonstrará que não é confiável.

Rei: (Se acalmando e sentando-se). Você tem razão. Acha que estou depositando demasiada fé nesse homem?

Tesoureiro: Não sei, meu senhor. Vamos ver o quão digno ele é de sua fé.

(Ambos olham em direção aos portões da sala de audiência).

Rei: (Animando-se). Asceta! Que bom que veio!

Asceta: (Entrando em cena. Prostrando-se diante do Rei sem dizer nada. Depois se voltando a ele sem olhar em sua face). Eu disse que viria, majestade.

Rei: (Ansioso). Sim, disse. Preciso lhe contar o que ocorreu!

Asceta: (Tranquilo). Estou lhe ouvindo, majestade.

Rei: (Levantando-se novamente do trono e caminhando de um lado para o outro). Dei o elixir que me deste à minha filha. Não surtiu nenhum efeito! (Sua preocupação é nítida em sua face). Por favor, santo homem, me diga: minha filha foi amaldiçoada?

Asceta: (Pensativo). Temo que sim, majestade.

Rei: (Ainda mais preocupado). O que devo fazer então?

Asceta: O procedimento, agora, é outro. Você deve me encontrar no cemitério depois de amanhã à noite, a primeira noite de lua cheia. Não posso dar-lhe detalhes do que será feito, pois isso acabaria com qualquer sucesso que poderíamos ter. No cemitério, lhe darei as instruções nos devidos momentos.

Rei: (Ansioso e ainda preocupado). Não posso nem mesmo saber o que será feito?

Asceta: A demonstração de confiança e coragem contra o desconhecido faz parte do procedimento que devemos tomar. Se tiveres dúvidas em sua mente e em seu coração, porá tudo a perder.

Rei: (Pensativo). Se assim é. Amanhã à noite, estarei no cemitério.

Narrador: Decidido, o Rei foi rezar aos deuses que cuidassem de sua filha até que conseguisse completar sua missão, depois ele foi descansar.

(Fim da Cena 3)

Cena 4 – PC

Narrador: (Sons fantasmagóricos). O cemitério é lar de criaturas horríveis, tais como fantasmas, zumbis, carniçais, entre outras tantas. **(A cortina se abre. No palco a luz está pálida. O Feiticeiro está de pé, arrumando os preparativos).** Mas isso, em momento algum, foi um obstáculo para que o Rei chegasse ao seu destino. **(O Rei entra no palco, atento ao que o cerca, mas sem demonstrar nenhuma sombra de medo).**

Feiticeiro: (Sorrindo). Que bom que veio, majestade.

Rei: Não deixaria minha filha na mão. **(Curioso).** Para que tudo isso?

Feiticeiro: Lembra-se do que falei para o senhor em seu palácio?

Rei: (Após uma pausa). Sim, lembro-me. **(Breve pausa).** Você está diferente.

Feiticeiro: Procedimentos diferentes requerem pequenas mudanças.

Rei: Entendo.

Feiticeiro: Então, preparado para cumprir sua primeira missão do ritual que desfará a maldição que impuseram em sua filha?

Rei: (Confiante, porém estranhando o ambiente e as parafernalias do Asceta). O que for preciso para salvá-la.

Feiticeiro: (Voltando a atenção aos seus atos preparatórios do ritual). Então lhe direi qual o seu dever. O senhor deve ir até a árvore que fica a oeste de onde nós estamos. Ela é a única árvore que teria um enforcado pendurado, mas a corda arreventou com o tempo, e o

corpo agora jaz encostado em seu tronco. É o cadáver de um criminoso. Pegue-o e traga-o a mim.

Rei: (Mesmo estranhando a imposição na voz do Asceta). Assim será feito. **(Vira-se para partir).**

Feiticeiro: (Interrompendo a partida do Rei). Tome cuidado, majestade. O cemitério é cheio de perigos.

Rei: (Confiante, sem se virar). Não se preocupe. Eu sou um rei! **(E parte).**

Narrador: (A luz escurece e o Feiticeiro sai da cena). E confiante, o Rei partiu. Caminhou na direção oeste por um longo, loongo, looongo teempo até avistar a árvore do enforcado. **(Quando a luz retorna, está apenas o Rei no cenário do cemitério com a árvore e o cadáver encostado em seu tronco).**

Rei: (Se aproxima da árvore, onde o enforcado está encostado, como se estivesse descansando. Ele tenta pegar o corpo, mas esse nem mesmo se mexe).

Cadáver: Hahahahahahaha!!

Rei: (Surpreso e se afastando). Como? Você está rindo?

(A resposta não vem. O Rei se aproxima cautelosamente. Ele tenta mover o cadáver do lugar, mas não consegue. Ele se esforça e continua não conseguindo).

Cadáver: Hahahahahahaha!!

Rei: (Se assusta e cai para trás, levantando-se rapidamente e disfarçando como se nada tivesse ocorrido, recuperando sua postura nobre). Oras! Que brincadeira de mal gosto é essa?

Cadáver: (Sem se mover). Não há brincadeira nenhuma aqui, majestade.

Rei: (Encarando o cadáver. Com orgulho ferido). Então, por que você riu?

Cadáver: (Mexe-se um pouco e encara o Rei). Vossa majestade nunca conseguirá me tirar daqui. Para isso ser feito, você deve me provar que é sábio.

Rei: (Arrogante). Haha. Isso é ridículo! Eu sou um rei! Um bom rei. Não é possível ser um bom rei, sem ser sábio, meu caro defunto!

Cadáver: Ah, sim! Claro! **(Comenta ironicamente o cadáver)**. Bem, então você não se importaria em ser testado?

Rei: (Arrogante). Vá! Teste-me! Se é apenas assim que conseguirei levá-lo comigo, então seja breve.

Cadáver: Hahahha! Sua impaciência pode nublar sua sabedoria, majestade.

Rei: (Contrariado). Seja breve com essa conversa sem sentido. Faça logo o teste!

(O Cadáver se levanta. O Rei dá um passo para trás e aproxima lentamente a mão de sua espada).

Cadáver: Não adianta me atacar, Rei. Pois se me ferir, voltarei para aquela árvore e lá ficarei em silêncio. Assim você nunca mais poderá me carregar.

Rei: (Dissimulado). Não pretendia atacá-lo.

Cadáver: Claro que não, majestade. Apenas comentei, para caso você considerasse que eu estou apenas brincando com você.

Rei: Não pensaria isso. Comece logo o teste, por favor.

Cadáver: Sente-se então, majestade, pois o teste será longo. **(O Rei se senta)**. O teste é simples: contarei histórias e após cada história lhe farei perguntas. O seu papel é tentar respondê-las.

Rei: Isso é simples.

Cadáver: Sim, é. As regras também são simples. A primeira é que você não poderá dizer nada além das respostas, se assim o fizer, o teste estará encerrado e voltarei para a árvore.

Rei: (Pensativo). Mmm... Prossiga.

Cadáver: A segunda regra: se você souber a resposta, seja ela certa ou errada, e não disser, eu voltarei para a árvore.

Rei: Certo.

Cadáver: Por fim, você só passará no teste, quando demonstrar a devida sabedoria.

Rei: Que sabedoria é essa que você espera que eu demonstre?

Cadáver: No momento certo vossa majestade saberá. Ainda assim aceita fazer o teste?

Rei: É claro que sim! Afinal, tenho outra escolha?

Cadáver: NÃO!! Hahahahahaha!

Rei: (Desconcertado). Então comece logo!

Cadáver: A primeira história é bem simples majestade.

(Fim da Cena 4 – PC e do 1º ATO)

2º ATO

1ª PP – O Príncipe e a Donzela

Cena 1 – 1ª PP

Cadáver: Em um reino não tão longe, um jovem Príncipe saiu para caçar com vários nobres. Acompanhado de seu Amigo, filho do chanceler, o Príncipe resolveu se separar de todos e descansar próximo a um rio.

(Abre as cortinas. Na floresta os dois amigos descansam. O Amigo está encostado em uma árvore olhando para a extensão do rio enquanto o Príncipe olha para a outra margem).

Amigo: (Tranqüilamente e observando o horizonte). Príncipe, creio que daqui a pouco devemos voltar para o grupo de caça, eles já devem ter percebido nossa ausência.

Príncipe: (Rindo levemente). Percebo sua preocupação disso ter acontecido. Vamos descansar mais um pouco ai partiremos. Não se preocupe que tomarei a responsabilidade para mim e direi que te obriguei a se afastar deles comigo.

Amigo: (Rindo também). Mas a idéia realmente foi sua.

Príncipe: (Rindo um pouco mais). Melhor, assim não precisarei mentir. **(Ambos começam a rir e, de repente, o príncipe se silencia e se levanta surpreso, se aproximando do rio).** Quem é aquela deusa?

Amigo: (Se levantando e vendo sobre o que o Príncipe esta falando). Quem?

Príncipe: (Com ênfase). AQUELA DEUSA!

Amigo: Não sei, mas parece que ela te notou. **(Olhando curioso)**. Ela está fazendo sinais.

Príncipe: Você tem razão! O que ela está dizendo? Não consigo entender.

Amigo: Ela está perguntando seu nome.

Príncipe: Sério? Como você sabe?

Amigo: Consigo compreender seus gestos. Quer que eu responda?

Príncipe: Ainda não. Diga a ela que quero saber seu nome antes de dizer o meu.

Amigo: (Fazendo alguns gestos). Ela disse que lhe contará tudo sobre ela se esse é seu desejo.

Cadáver: E assim a Donzela contou ao jovem Príncipe qual o seu nome, sua casta, de que reino ela vinha, aonde morava, porque estava naquele rio, entre outras tantas coisas. **(Escurece o palco)**. O Príncipe foi embora, com aquela maravilhosa imagem vívida em sua mente. No dia seguinte, o Príncipe convenceu seu Amigo, filho do chanceler, a retornar com ele até aquele rio, na esperança de se reencontrar com a Donzela.

Príncipe: (Procurando na outra margem). Nada dela! Como farei para me encontrar com ela novamente?

Amigo: Não se preocupe Príncipe, ela nos deu todas as informações que precisamos para encontrá-la.

Príncipe: Você está sugerindo para irmos ao reino onde ela vive e visitá-la?

Amigo: Se essa for sua vontade, sim.

Príncipe: Claro que é minha vontade, meu Amigo! Avisarei meu pai que sairei em viagem e partiremos.

Cadáver: Ansioso, o Príncipe retornou ao seu reino e preparou-se para a viagem.

(Fim do 1º Cena – 1ª PP).

2º Cena – 1ª PP

Cadáver: Ao chegarem no reino onde a Donzela vivia, os dois amigos procuraram um local para dormirem e se alimentarem. Depois de algumas horas, encontraram uma hospedaria, onde uma velha senhora era dona. Em menos de um dia, os dois amigos

passaram a pagar a Velha Senhora, para que ela servisse de mensageira para o Príncipe e sua Donzela.

(Abrem as cortinas. Amigo e Príncipe em um quarto. Príncipe sentado na cama. Amigo de pé indo a direção da porta. Há alguém batendo).

Amigo: (Abrindo a porta para a Velha Senhora). Bom dia, senhora! Está bela como sempre! Seja bem vinda! Traz notícias?

Velha Senhora: (Sorrindo). Como é bom ser tão bem recebida logo de manhã! Você é muito gentil, meu jovem. Trago notícias sim! Tenho uma carta para o Príncipe.

Príncipe: (Levantando-se com ansiedade). Você me faz muito feliz, gentil senhora!

Velha Senhora: (Rindo). Não, meu jovem! Não sou eu quem faço você feliz! Mas essa carta que traz notícias de seu amor! **(Ela entrega a ele, que a abraça e a beija no rosto).**

Príncipe: Muito obrigado por todo o trabalho que está fazendo por mim.

Velha Senhora: Não se preocupe, aceitei fazer esse trabalho, não é mesmo? **(Ela se vira para sair do quarto).** Agora vou deixá-los a sós para que você leia a carta em paz, Príncipe.

Príncipe: (Abrindo a carta). Grato. **(Ele tentar ler, mas não consegue).** Não consigo entender. **(Entrega a carta ao amigo).**

Amigo: (Observa a carta por um tempo). Mmm... Está em código. Talvez ela esteja fazendo isso para manter segredo sobre a relação que quer ter com você.

Príncipe: (Pensativo). Faz sentido. Afinal, sou um Príncipe e ela, filha de mercadores.

Amigo: (Lendo a carta). É. Pode ser **(Termina de ler a carta).** Ela está marcando um encontro. **(O Príncipe desperta de sua reflexão ansioso por detalhes. Eles conversam sem fazer sons, pois a voz do Cadáver sobrepõe).**

Cadáver: Sabendo dos detalhes de como adentrar os jardins da casa da Donzela e de como chegar ao seu quarto sem ser notado, o Príncipe partiu para seu encontro.

(A luz diminui no palco. Sai o Amigo de cena. Todas as mudanças do cenário são feitas rapidamente. No quarto da Donzela está apenas ela, a luz volta a ser forte. A donzela está ansiosa, aguardando o Príncipe).

Cadáver: Seguindo todas as instruções corretamente, o Príncipe chega ao quarto de seu amor. **(O Príncipe entra em cena).**

Príncipe: (Apaixonado). Finalmente nos conhecemos meu amor.

Donzela: (Apreensiva, se aproximando dele e segurando suas mãos). Pensei que não conseguiria passar pelos guardas do portão, meu amado.

Príncipe: (Sorrindo e a abraçando). Faria de tudo para poder vê-la!

Donzela: (Mesmo estando gostando do abraço, a Donzela se afasta um pouco, como se estivesse incomodada com algo).

Príncipe: (Preocupado). O que foi?

Donzela: Ainda nem o conheço direito, - mesmo que eu sinta que já nos conhecemos a anos -, ainda assim devo saber mais de você...

Príncipe: (Solta uma breve risada e relaxa).

Donzela: ... e você mais de mim.

Príncipe: O que você quer que eu lhe conte?

Donzela: Diga-me de onde vem, qual sua casta, o que faz em sua vida.

Príncipe: Venho de... **(Eles continuam interpretando como se estivessem conversando quando entra a voz do Cadáver).**

Cadáver: Então o Príncipe lhe contou seus antecedentes. Deu-lhe detalhes do que já fez, do que fazia e de seus planos.

Príncipe: Creio que isso é tudo. E você? O que tem a me contar?

Donzela: (Ficando preocupada). Bem... eu estou prometida em casamento para um nobre que não conheço. **(Se aproximando do Príncipe e segurando suas mãos).** Não quero isso para mim, quero ficar com você.

Príncipe: (Empolgado). Fiquemos juntos então!

Donzela: (Negando com a cabeça. Com tristeza). Não posso! Meus pais ficariam arrasados!

Príncipe: (Condescendente). Pensaremos em algo.

Donzela: (Animada). Sim meu amor! Nós somos inteligentes! Juntos ainda mais! **(O Príncipe ri, a Donzela sorri).** Não estou brincando. Criei códigos que achei que você não decifraria. Na verdade, fiquei muito preocupada que você não decifrasse! E você decifrou!!!

Príncipe: (Rindo sem graça). Faltou eu lhe contar uma coisa. **(Diz envergonhado soltando a mão da princesa e olhando para outra direção dando uma pequena pausa).** Não fui eu quem decifrou seus códigos, foi meu amigo e conselheiro. **(Sem que o Príncipe veja, ela o olha com grande preocupação, ela se recompõe um pouco antes dele se virar para ela).** Espero que isso não afete o amor que você sente por mim.

Donzela: (Com sinceridade). Não meu amor! Não afetou! **(Eles se abraçam).**

Príncipe: (Afastando um pouco seu abraço). Creio que é melhor eu ir. É perigoso eu ficar aqui por tanto tempo, seus pais podem desconfiar de algo.

Donzela: Você tem razão.

Príncipe: Combinaremos um novo encontro em breve, minha amada. **(Ele beija as mãos da Donzela e vai até a janela pela qual entrou).** Até mais.

Donzela: Até mais, meu amado! **(A Donzela fica um tempo olhando para a janela com olhar apaixonado e suspira).** Finalmente encontrei o amor da minha vida. **(Mas logo seu olhar apaixonado começa a mudar para uma feição muito preocupada).** Mas o amigo dele está sabendo sobre nosso relacionamento. E se ele estragar tudo? E se ele contar algo aos meus pais ou a qualquer outra pessoa? **(A preocupação torna-se quase um desespero).** Não posso deixar que isso aconteça! **(Quase chorando).** Ele não pode viver...

Cadáver: Preocupada, e ao mesmo tempo apaixonada, ela não conseguiu dormir aquela noite e passou toda a madrugada, planejando como matar o amigo do seu amado, sem que esse soubesse de seu envolvimento nesse ato tão vil.

(Fim do 2º Cena – 1ª PP).

3º Cena – 1ª PP

Cadáver: Entretanto, havia algo que a Donzela nem mesmo seria capaz de imaginar. A inteligência do filho do chanceler era descomunal. Antes mesmo do Príncipe ter partido para o encontro, seu Amigo já havia pensado na possibilidade da Donzela descobrir seu envolvimento naquele romance.

(Abre a cortina. Quarto do Amigo. Esse está sozinho. Pensativo).

Cadáver: Ele sabia da honestidade do Príncipe e que esse contaria sobre o que seu Amigo sabe, se a Donzela perguntasse. Deduzindo que ela tentaria fazer algo contra ele e, ainda assim, se preocupando com o bem estar do Príncipe, ele pensou em um plano.

Amigo: (Pensativo). E se eu... **(Pensa mais um pouco e balança negativamente a cabeça).** Não, não vai dar certo. **(Pensa).** Mas se eu... não, não. **(Senta-se com a mão no queixo. Fica um tempo e se levanta bruscamente).** JÁ SEI! Eu irei armar contra ela! Primeiro envenenarei o filho recém nascido do rei desse reino em que estamos. Depois, irei aproveitar-me do desespero dele para, fantasiado de asceta, dizer-lhe que seu filho morreu por conta da maldição de uma bruxa! **(Pausa pensativa).** Assim, com certeza ele me perguntará se sei quem é a bruxa, aí darei a descrição, de forma nebulosa, porém exata, da Donzela! Sim! É isso que farei! Começando agora mesmo! **(Ele pega algumas coisas e sai de cena. A Luz diminui).**

Cadáver: O filho do chanceler, colocou seu plano em prática. No dia seguinte, enquanto o Príncipe estava em outro encontro com a Donzela, ele foi ter a conversa com o rei, fantasiado de asceta, e esse acreditou em sua farsa. **(Ainda no quarto a luz retorna).**

Amigo: (Retirando a roupa de asceta). Pronto! Ele até mesmo já sentenciou a Donzela! Agora preciso esperar o Príncipe para que possamos salvá-la.

Príncipe: (Entrando no quarto, contente). O encontro foi maravilhoso, meu Amigo.

Amigo: (Fazendo uma cara extremamente preocupada, olha para o Príncipe).

Príncipe: (Ansioso). O que foi meu Amigo? O que aconteceu de tão horrível que te impede de dividir essa minha alegria?

Amigo: Sua Donzela foi condenada à morte no exílio.

Príncipe: (Assustadíssimo). Como assim? Conte-me tudo!

Amigo: Ouvi nas ruas que ela é uma bruxa e que foi responsável pela morte do filho do rei local!

Príncipe: Isso é mentira! Ela não é uma bruxa!

Amigo: Sei que você não se apaixonaria por esse tipo de pessoa, e por isso acredito também que ela não seja uma bruxa, mas a sentença foi dada.

Príncipe: Irei falar com o rei.

Amigo: Não! Você perdeu a razão, meu senhor? Se fizeres isso, sujará o seu nome e de sua família. Nós adentramos esse reino sem nem mesmo nos apresentar. **(Breve Pausa).** Majestade me ouça. O melhor será salvarmos a donzela do exílio e a levarmos ao seu reino.

Príncipe: Ótima idéia! Mas, para onde ela foi exilada?

Amigo: Para uma floresta próxima, que fica a oeste. Ela ficará lá até morrer pelas garras de algum animal.

Príncipe: Vamos então, não podemos perder tempo. **(Os dois amigos começam a pegar suas coisas enquanto o cadáver fala).**

Cadáver: Eles arrumaram suas coisas e partiram. **(Os dois saem de cena).** Salvaram a Donzela, levando-a ao reino do Príncipe e lá eles se casaram.

(Fim da 3ª Cena – 1ª PP. Fim da 1ª PP).

Peça Central - PC

5º Cena - PC

(No cemitério).

Cadáver: No reino da Donzela, os pais dela imaginaram que sua filha havia morrido na floresta e não suportaram a perda. Eles faleceram uma semana depois de desgosto. Agora me responda: quem foi culpado pela morte dos pais dela? Se souber a resposta e não der, voltarei para a árvore.

Rei: (Cautelosamente). O casal não teve culpa porque estavam cegos de paixão. O filho do chanceler também não foi o culpado, pois ele não agia sobre sua própria responsabilidade, mas sim para ajudar o seu senhor. O único culpado foi o rei daquelas terras, pois não conseguiu perceber a armadilha preparada pelo falso asceta. Nunca investigou as atividades dos dois forasteiros em sua capital, nem mesmo percebeu a presença deles. Portanto, ele é culpado por falhar em seu dever real, pois como rei ele deveria saber de tudo que ocorre em seu reino e proteger seu povo.

Cadáver: Hahahahahaha! Excelente resposta! Mas...

Rei: (Suspira e balança a cabeça sabendo que será um longa noite).

Cadáver: ... Não basta para mim. Como eu disse, a primeira seria fácil. Vamos ver como se sai com o próximo conto?

Rei: (Nada responde, apenas aguarda).

Cadáver: Ótimo!

2ª PP – As Filhas do Brâmane

1º Cena – 2ª PP

Cadáver: Um jovem brâmane foi morar com seu professor, para aprender todos os ofícios de sua casta. Instruir-se sobre os livros sagrados, astrologia e tudo o mais que um brâmane deve saber.

Brâmane: Escute bem, meu aluno: “Assim como os rios que correm vão descansar no oceano e lá deixam para trás seus nomes e formas, assim também o Conhecedor, liberto do nome e da forma, vai a esse Homem divino que está além do além”.

Aluno: As escrituras dizem que devemos ser ninguém para conseguir contemplar a face de Brahman?

Brâmane: (Ri de forma descontraída). Não jovem. Isso quer dizer que devemos perceber nosso corpo, nosso nome e nossos pensamentos como eles realmente são. Como uma vestimenta. Não devemos nos agarrar a esse receptáculo provisório, como se isso fosse realmente o Eu.

(O Brâmane continua como se ainda estivesse ensinando ao seu aluno).

Cadáver: O Brâmane tinha três filhas que moravam com ele e o servia junto ao seu aluno durante as aulas, trazendo-lhe chás e pães. **(As três filhas entram em cena. A Filha 1 com uma bandeja com chaleira e duas xícaras. A Filha 2 com uma cesta de pães. A Filha 3 com uma toalha. A que está com a toalha, forra o chão para que as outras duas depositem sua bandeja e sua cesta. A que carrega o chá serve ambos: o Brâmane primeiro e o Aluno em seguida. A todo momento elas paqueram o Aluno).**

Brâmane: Obrigado, filhas.

Aluno: (Um pouco constrangido por estar sendo paquerado pelas três filhas de seu professor). Muito obrigado.

Cadáver: Como o jovem brâmane era um rapaz muito bonito, foi inevitável que as filhas de seu professor se apaixonassem por ele. Alguns dias se passaram e o que era previsto ocorreu: as três foram falar com seu pai.

Filha 1: Pai, estou apaixonada por seu aluno, gostaria que o senhor o convencesse de se casar comigo.

Filha 2: Não faça isso, pai! Pois eu o amo!!!

Filha 3: Não e não! Eu o vi primeiro! Sou eu quem realmente o amo!

(As três começam a discutir. O Brâmane as separa as três e intervém).

Brâmane: Não posso fazer o que me pedem, minhas filhas. Como poderia agradar uma sem que ferisse o coração das outras duas?

Filha 2: Mas pai!! Eu estou amando! O senhor não pode fazer isso comigo!

Brâmane: E poderia magoar minhas outras filhas?

Filha 1: Pai! Escolha uma de nós então! Prometemos que não nos magoaremos se não formos escolhidas pelo senhor.

(O Brâmane fica pensativo, mas desconfiado).

Filha 3: Isso pai! Por favor! **(Suplicando).**

Filha 2: Sim, sim! Escolha uma!

Brâmane: Não farei isso. Vocês mentem ao dizerem que não se magoarão. A paixão de vocês é tanta que não percebem como estão frágeis e como isso poderá criar desarmonia em nossa família. A resposta definitiva é não. Sem mais discussões a respeito.

Cadáver: Após a decisão de seu pai, só restou às três irmãs contemplar a beleza de seu amado enquanto ele vivesse em sua casa.

(Fim do 1º Cena – 2ª PP).

2º Cena – 2ª PP

Cadáver: Meses se passaram e o fogo da paixão nos três corações, não se extinguiu. As três filhas do Brâmane continuaram a observar aquele que amavam tanto, até chegar o fatídico dia.

(A cortina se abre. O Aluno está deitado em uma esteira no chão, coberto com uma manta. Ao seu lado há uma cumbuca com água, panos úmidos, jarra com algum

líquido e xícara; nesse lado se encontra o Brâmane. Do outro lado estão as três filhas muito apreensivas).

Brâmane: Não creio que ele agüentará. Já faz quase um mês que ele está muito doente.

Filha 1: Por favor pai! Faça alguma coisa!

Brâmane: (Calmo, para tranquilizar a filha). É o karma dele, minha filha. Ele deve passar por isso. O que tenho para fazer, estou fazendo, mas se o karma dele for para que morra, assim será.

Filha 2: E o que será de nós?

Brâmanes: A vocês restará aceitar a lei natural e fazer preces para que esse jovem tenha um bom renascimento em vidas futuras. Quem sabe, assim, vocês criarão karma para ficarem juntos.

Filha 3: Mas eu não quero esperar tanto para ficar junto a ele.

Brâmane: (Firme). Filha! Você terá de esperar. Nessa vida vocês não ficariam juntos de qualquer forma enquanto eu ainda estivesse vivo. Não deixaria que, em seu egoísmo, você magoasse suas duas irmãs. **(Nesse instante o Aluno tem uma reação. Ele segura a mão de seu guru, que está passando um pano umedecido em sua testa, e dá seu último suspiro. O Brâmane junta as mãos em oração).** Rama, Rama, Rama, Rama.

(As filhas, vendo a ação do pai, entram em desespero e choram. O Brâmane, bastante triste, cobre o jovem aluno).

Cadáver: Então, o corpo do jovem Brâmane foi devidamente preparado para ser cremado após todos os ritos funerários que seu guru faria. **(As luzes diminuem).** A tristeza das três jovens foi tanta, que as levaram a atitudes extremas, as quais, seu pai, fora incapaz de impedi-las.

(As luzes retornam e no palco está apenas a Filha 1).

Cadáver: A filha mais velha, com a dor da perda de seu amado, deu todas as suas coisas e partiu pelo mundo como uma peregrina mendicante.

Filha 1: (Pega suas coisas, joga para fora do palco e começa a andar errante pelo palco até sair de cena).

Cadáver: A filha do meio, **(Entra a Filha 2)** pegou, das cinzas, os ossos do jovem e partiu em viagem até o Ganges, para mergulhá-los nas águas sagradas.

Filha 2: (Com um embrulho no colo, vai até a beira do palco e faz como se mergulhasse o embrulho nas águas do rio Ganges, levanta-se com o embrulho e sai de cena).

Cadáver: Por fim, a filha caçula (**Entra a Filha 3**), ficou ao lado de onde seu amado foi cremado, onde estavam suas cinzas. Lá ela montou uma cabana onde passou a morar.

Filha 3: (Termina de colocar a cabana do lado do local onde o jovem brâmane estava. E dorme por lá. A luz diminui).

Cadáver: Porém, um dia, algo prodigioso aconteceu. A filha mais velha, aquela que vagueava como peregrina mendicante, presenciou um milagre.

(A luz aumenta. No palco está uma mulher recitando um livro e das cinzas uma criança ressuscita).

Cadáver: Após ver a criança ressuscitar, ela se aproveitou da distração da mãe (**A mãe coloca o livro de lado e vai abraçar a criança. A Filha 1 rouba o livro e vai embora**). Com a esperança de fazer o mesmo com seu amado.

(Fim do 2º Cena – 2ª PP).

3º Cena – 2ª PP

Cadáver: Por um tempo a filha mais velha procurou as outras irmãs. Quando todas estavam reunidas, elas voltaram para onde seu amado fora cremado. (**Abrem as cortinas. No palco estão as três irmãs conversando**).

Filha 3: (Com curiosidade). O que você diz é verdade irmã?

Filha 1: (Com insistência). Sim, é a mais pura verdade!

Filha 2: (Com arrogância). Pois eu duvido.

Filha 1: Mas eu vi com meus próprios olhos!

Filha 3: Pode ser verdade mesmo. (Se dirigindo à Filha 2).

Filha 2: Não sei se acredito tanto na sua visão.

Filha 1: (Um pouco impaciente). Não foi uma ‘*VISÃO*’! Eu fui testemunha de um FA-TO! Eu vi a criança ser ressuscitada a partir de suas cinzas, com a recitação das palavras mágicas desse livro! **(Ela mostra o livro).**

Filha 2: Não sei ainda se acredito.

Filha 3: Não custa nada tentarmos, não é irmã? **(Perguntando para a mais velha).**

Filha 1: Também acho que não custa nada tentarmos. Se você não quiser participar, tudo bem, mas precisaremos que você saia para não nos atrapalhar!

Filha 2: Eu vou participar, mesmo não acreditando. Participarei, pois minha maior intenção é que meu amado volte a vida.

Filha 3: NOSSO amado!

Filha 2: Sim, nosso amado.

Filha 3: Do que precisaremos?

Filha 1: Das cinzas, dos ossos, alguns incensos e das palavras mágicas do livro.

Filha 2: Creio que temos tudo isso aqui.

Cadáver: Elas se prepararam para o ritual. Fizeram as oferendas de odor e oração aos deuses **(Filha 1 “acende” [não é para acender nada! É de mentirinha, ok? rs] alguns incensos e se prepara com o livro aberto na sua frente e começa a recitação [sem som, apenas interpretando que está recitando algo]),** para depois a filha mais velha, iniciar a recitação que ela presenciou. Dessa forma, dos restos do jovem brâmane ele ressurgiu cheio de vida, mais belo do que antes! E a paixão das três irmãs aumentou ainda mais.

Filha 2: Meu amado voltou!

Filha 3: Não! Ele é MEU amado!

Filha 1: Não importa o que vocês sintam, sou eu que me casarei com ele!

Filha 3: Nunca! Você nunca teria conseguido trazê-lo de volta se não fosse pelos ossos que eu trouxe!

Filha 2: (Ri debochando). Hahahaha! E se não fosse as cinzas que guardei? Como ele poderia ter sido ressuscitado?

Filha 1: Você estão esquecendo, que se eu não tivesse testemunhado essa magia e roubado esse livro, vocês estariam choramingando sem nada para fazer a respeito! Portanto ele é MEU!

Filhas: (Discutindo). É MEU! É MEU! NÃO, É MEU!

Cadáver: E a disputa continuou por muito, muito...

(Fim do 3º Cena – 2ª PP. Fim da 2ª PP).

6º Cena – PC

Cadáver: ...muito tempo. Ninguém sabia o que deveria ser feito do jovem brâmane, nem mesmo o pai das moças, que fora consultado depois do incidente.

(Abrem as cortinas. Cemitério).

Cadáver: E então, a quem ele pertence como esposo? Se você tiver resposta e não me disser, você sabe para onde eu volto, não é?

Rei: (Após um pequeno tempo de reflexão). Aquela que o trouxe de volta a vida com a força da magia é sua mãe. A que emprestou serviço piedoso a seus ossos, lavando-os no Ganges, cumpriu o dever de filha. Mas aquela que dormiu sobre as cinzas, que não se separou dele e lhe devotou a vida, merece o nome de esposa.

Cadáver: (Irônico). Hahahahah! Fantástico majestade! Sua sabedoria é imensa! Agora vamos para a próxima história! Hahahahha!

Rei: (Suspira e faz cara de cansaço sabendo o que viria).

3ª PP – O Filho Póstumo do Ladrão

1º Cena – 3ª PP

Cadáver: Uma velha senhora, ao ficar viúva, perdeu tudo o que tinha direito para os familiares de seu marido. Com o passar dos anos, percebeu que ela e sua filha estavam sendo usadas como escravas pelos parentes amorais. Sendo assim, preferiram partir de seu reino, sem rumo e sem nada além das roupas que vestiam, considerando esse um destino melhor. **(Abrem a cortina e, em um dos cantos do palco, está A Velha Mãe e A Filha caminhando, enquanto no outro canto se encontra o Ladrão moribundo).** Na situação de mais pura desgraça, mãe e filha caminhavam sem rumo por uma estrada quando...

Filha: (Apontando para o Ladrão). Mãe! Olha lá! Há um homem ferido!

Velha Mãe: É mesmo filha. Ele está em um estado pior que o nosso. Vamos ver se podemos ajudá-lo de alguma forma.

(Ambas se aproximam cuidadosamente do Ladrão, que ao vê-las, se enche de contentamento, mesmo ainda gemendo de dor e sem conseguir movimentar seu corpo direito).

Ladrão: (Falando com esforço). Ó boas almas! Por favor... Ouçam meu pedido.

Filha: (Vendo o estado do Ladrão e com um leve tom de horror). Oh não! O sr. está muito ferido! Não sei se poderemos salvá-lo.

Ladrão: (Falando com esforço). Não quero que salvem meu corpo... Quero apenas que ouçam o que tenho para pedir... e pensem com carinho.

Filha: (Ainda tentando controlar seu desespero). Mas precisamos...

Velha Mãe: (Com autoridade). Silêncio, filha! Deixe o homem falar. Senão é capaz dele falecer antes de conseguir proferir uma frase sequer de seu pedido. **(Carionhosamente).** O que o você tem a nos pedir?

Ladrão: Estou morrendo... Sei que não poderei ser salvo... Sei que por ter roubado e até matado... Não terei um bom destino após minha morte... Muito menos sem ser casado e sem ter um filho para orar e fazer oferendas aos deuses por mim... Tudo que peço, é... Sua jovem filha em casamento... Assim... Quando ela tiver um filho... Esse será por direito meu... E fará todas as obrigações que um filho deve fazer ao seu falecido pai... Quem sabe... Assim... Terei alguma salvação.

Velha Mãe: Muito difícil seu pedido, meu jovem. Não temos nada, a não ser as roupas que vestimos. Talvez, não sobrevivamos nem mais uma semana.

Ladrão: Não se preocupe... Não deixaria minha esposa e minha sogra sem nada... Após você conceder a mão de sua filha... Eu lhes direi onde vocês podem encontrar o tesouro que escondi... Com ele... Vocês conseguirão sobreviver e ter uma vida realmente digna.

Velha Mãe: Se esse é o caso, não vejo problemas de satisfazer seu último desejo.

Filha: (Atordoada). Mãe...

Velha Mãe: Filha, essa será a ação mais bondosa que faremos em nossas vidas com toda certeza. Além do mais, não temos nada a perder.

Filha: (Pensando por alguns instantes). Sim, minha mãe. Então me casarei com esse senhor.

Ladrão: (Com a voz ainda mais fraca). E então?... Não tenho muito mais tempo.

Velha Mãe: (Segurando a mão de sua Filha com mão esquerda e a mão do Ladrão com a mão direita). Jovem homem, concedo-lhe a mão de minha filha em casamento. Você aceita casar-se com ela?

Ladrão: (Com toda sua força). Sim!

Velha Mãe: E você minha filha, aceita esse homem como legítimo esposo?

Filha: Sim, minha mãe.

Velha Mãe: Então, com as bênçãos dos deuses e com o direito a mim reservado como a mãe da noiva, eu os declaro casados.

Ladrão: (Contente, mas com muita dificuldade para falar). Agora... Aproximem-se... Contarei onde está meu tesouro.

(A Velha Mãe e a Filha se aproximam mais do Ladrão e o escutam sussurrar, para que logo após ele falecer. Fim do 1º Cena – 3ª PP).

2º Cena – 3ª PP

Cadáver: Após encontrarem o tesouro do Ladrão, a velha mãe e sua filha foram morar em um reino próximo da floresta onde ele morreu. Naquele lugar, puderam recomeçar suas vidas como mercadoras, graças a imensa riqueza do tesouro que receberam. Após um ano morando lá, a filha conheceu um jovem Brâmane pelo qual se apaixonou. **(Abrem as cortinas. No palco está a Filha e o Brâmane em uma sala).**

Brâmane: Percebo em seu olhar a paixão que sentes por mim, mas você não esconde que é viúva, não é mesmo?

Filha: Sim, sou viúva. Não mentiria sobre isso. Mesmo assim, quero viver com você, brâmane. Faça de mim sua esposa.

Brâmane: (Com um certo ar de arrogância). Não posso casar-me com você, mas posso aceitá-la junto a mim em meu lar. Porém, por você já ter sido casada, terá de pagar a mim um dote, pela sua impureza. Pelo favor que estou fazendo em aceitá-la.

Filha: (Submissa). Aceito o que for para estar ao seu lado.

(A luz do palco diminui).

Cadáver: A jovem foi morar junto com seu amado. Após dividirem por nove meses o mesmo teto, o brâmane caiu doente, no mesmo instante em que a jovem deu a luz ao seu filho. **(O palco volta a ser iluminado. O Brâmane está deitado no chão com uma criada cuidando dele. A filha entra no palco e, de longe, mostra o Filho ao Brâmane).**

Brâmane: Esse é o nosso filho! Será ele que fará oferendas e orações, para que minha alma receba as bênçãos dos deuses?

Filha: (Confusa). É... (Uma pequena Pausa). Será ele...

(A luz do palco diminui novamente).

Cadáver: Naquela noite, o brâmane faleceu. **(A luz do palco retorna. A Filha está deitada em um colchonete, tentando dormir. Ao seu lado, em uma espécie de berço improvisado, está seu filho).** A jovem teve dificuldade para dormir, pois não sabia como criar seu filho sozinha, já que não mais podia contar com sua velha mãe.

Filha: (Tentando dormir, rolando “na cama”, até que ela senta-se com as duas mãos na cabeça, em desespero). Minha mãe já está muito velha para poder me ajudar. **(Preocupada).** Ainda tenho muito dinheiro, o suficiente para a criação de meu filho, mas não o suficiente para nós dois. Como terei que trabalhar, não terei tempo para cuidar corretamente de meu filho. **(Põem a mão no rosto, quase em desespero).** AAAHHH!! O que eu faço?!

Cadáver: As palavras dela foram como mágica. No mesmo instante, ela caiu no sono e sonhou com o que deveria fazer.

(Fim do 2º Cena – 3ª PP).

3º Cena – 3ª PP

Cadáver: A filha seguiu seu sonho e deixou seu filho recém nascido, junto com o que restava do tesouro do Ladrão, em uma carroça que levava mercadorias para o palácio do rei, mas ela não era a única a ter tido sonhos proféticos. **(As cortinas se abrem. No palco está um rei inquieto).** O rei aguardava ansiosamente a carroça com a qual sonhara, pois lá estaria a solução de um de seus maiores problemas: a falta de um herdeiro.

Tesoureiro: (Entrando no palco, com um pacote em mãos e um saco de moedas e jóias). Majestade!

Rei: (Ansioso). Não me deixe mais esperar! Dei-me as notícias!

Tesoureiro: A carroça que o senhor descreveu, chegou! E nela, estava... **(O Tesoureiro estica os braços, entregando o pacote ao seu rei. Do pacote, vem um choro de bêbe).**

Rei: (Assombrado). Não acredito! **(Pega o pacote e olha dentro do embrulho).** É um bebê! Um menino! Meu sonho não me enganou! O deuses conspiraram para que eu tivesse um herdeiro!

Tesoureiro: (Alegre). Sim meu rei! E junto com ele estava todo esse dinheiro! Tem o suficiente para dar uma boa criação a essa criança!

Rei: (Bastante contente e com a criança cuidadosamente em seu colo). Eu o criarei como um verdadeiro príncipe! Ele será um grande rei, como um filho legítimo meu seria!

(A luz diminui).

Cadáver: Assim o rei criou a criança de seu sonho. E essa herdou o trono, vinte anos depois, quando o rei faleceu.

(A luz do palco retorna e lá está o Filho com uma cesta de frutas e sedas na frente de um altar com um sacerdote ao lado).

Cadáver: No período em que as almas dos mortos são honradas, no início da primavera, o jovem príncipe foi, pela primeira vez após a morte do rei, fazer as oferendas e orações devidas ao seu falecido pai.

Filho Póstumo: Ó meu pai, que seu espírito alcance a paz onde quer que esteja, na forma em que se manifeste. Que todas as virtudes que eu cultivar em vida tragam alegria ao seu coração. Que ao cumprir com meus deveres, o contentamento preencha todo seu ser, iluminando seu caminho para a verdadeira luz de Brahma!

(O Filho faz três prostrações diante do altar. Depois caminha até uma cesta com frutas e sedas, a pega, retorna à frente do altar e a ergue na altura do seu coração).

Filho Póstumo: Por favor, pai. Aceite essa oferenda, para dar-lhe forças em seu caminho. Para que o senhor tenha um bom renascimento.

(Quando o jovem estica os braços com a vasilha para entregar as oferendas, no altar surgem três mãos e saem três vozes).

Vozes: Essa oferenda é minha!

Sacerdote: (Olha para o altar assustado e se afasta).

Filho Póstumo: (Confuso e assustado se afasta do altar e fica sem saber o que fazer com a cesta).

Cadáver: O filho, sem saber que tinha três pais, se encontrou em uma situação inusitada...

(Fim do 3º Cena – 3ª PP. Fim da 3ª PP).

7º Cena – PC

Cadáver: ...a qual nem ele, nem o sacerdote que realizou a cerimônia sabiam o que fazer. **(Abre as cortinas. No cemitério).** Bem, a que mão deveria o filho entregar sua oferenda? Se souber a resposta e não disser, voltarei para a árvore.

Rei: (Pensando por pouco tempo). A oferenda deveria ser colocada na mão do ladrão. O brâmane se vendeu, e o rei recebeu sua compensação com as peças de ouro. Foi o ladrão o homem que tornou possível ao príncipe nascer; seu tesouro pagou-lhe a concepção e o sustento. Além disso, o casamento qualificou-o como pai da criança.

Cadáver: Vossa majestade deve amar profundamente vossa filha. Está se esforçando bastante para concluir sua missão. **(O Rei se controla para não dizer nada).** Para deixar a noite mais divertida, contar-lhe-ei mais uma história.

4ª PP – O Conto das Cabeças Invertidas

1º Cena – 4ª PP

Cadáver: Havia três inseparáveis amigos. Dois homens e uma mulher. Desde a infância à idade adulta eles viveram juntos. Passaram por grandes alegrias e tristezas juntos. **(Abre a cortina e mostra os três amigos no palco como se conversassem alegremente, porém mostrando uma proximidade maior entre o Esposo e a Esposa).** Um certo dia, um dos homens e a mulher se apaixonaram. **(O Esposo e a Esposa dão as mãos. O Amigo desvia o olhar com timidez, mas sorrindo).**

Esposo: Amigo! **(O Amigo vira-se para vê-los).** Temos uma grande notícia para lhe dar!

Amigo: (Prevedendo a notícia). Conte-me!

Esposa: Nós iremos nos casar!

Amigo: (Abraçando os dois). Que ótimo! Fico muito feliz por vocês!

(A luz diminui. O amigo sai da cena).

Cadáver: E eles se casaram. Com o tempo, viram que a vida de casados era bem diferente da vida como amigos ou até mesmo como namorados.

(A luz aumenta. Esposa e Esposo discutindo).

Esposo: Cadê o almoço? Estou atrasado!

Esposa: Vai e faz você! E não deixe mais suas meias espalhadas pela casa!

Esposo: Sou eu quem sustenta essa casa e não tenho nem o almoço pronto na hora certa?

Esposa: Você nem concertou a calha ainda!

Esposo: E você não comprou o pente novo que estamos precisando!

Esposa: Você não liga para o que eu sinto!

Esposo: Você não liga para minhas necessidades! Quero sair com meus amigos, assistir um jogo, e você só me atrapalha!

(A luz diminui).

Cadáver: Por ainda se gostarem muito, o casal foi pedir ajuda para aquele que os entendia melhor: seu amigo.

(A luz aumenta. O Amigo está na cena novamente).

Esposa: (Triste). Não estamos sabendo o que fazer para salvar nosso casamento.

Esposo: (Triste). Por favor, nos ajude.

Amigo: (Pensativo). Já sei! Vamos viajar, nós três. Assim, podemos nos aproximar novamente, e quem sabe, vocês consigam repensar no que vocês estão fazendo de errado!

Esposa e Esposo: (Pensativos). Mmmm.

Amigo: (Empolgado). É verdade. Afinal, nós três sempre tivemos uma excelente amizade! Sempre tivemos ótimos momentos! Surpreende-me saber, que vocês dois não estão conseguindo viver juntos, sendo que vocês sempre viveram assim!

Esposo: (Contente). Eu concordo! Topo fazer essa viagem!

Esposa: (Alegre). Sim, sim! Muito obrigado!

(Os três se abraçam. Fim do 1º Cena – 4ª PP).

2ª Cena – 4ª PP

Cadáver: Os três viajaram por muitos lugares da Índia. **(As cortinas se abrem. Os três estão sentados no chão como se estivessem em um piquenique).** Eles resolveram parar para lanchar, quando passavam na frente de um templo em homenagem a deusa Kali. **(Eles conversam animadamente. Quando o Amigo e a Esposa não estão olhando para o Esposo, esse deixa a tristeza transparecer em seu rosto).** Tudo parecia estar indo muito bem, mas algo ainda entristecia bastante o Esposo. Algo que ele fez quando o casamento não ia bem, pesava em seu coração, e ele não tinha coragem alguma de contar para ninguém; nem para seu melhor amigo.

Esposa: (Fuçando uma das sacolas). Que fome!

Amigo: Eu também estou morrendo de fome! **(Começa a mexer na sacola que está com ele).**

Esposo: Não gostaria de começar a comer, sem antes entrar no templo de Kali e fazer uma oferenda a ela. **(Ele pega um pouco de comida).** Eu vou lá e já volto. Não acabem com a comida! **(Os três riem. O Esposo se levanta e entra no templo. O Amigo e a Esposa começam a comer).**

Cadáver: O tempo passa. Aqueles que ficaram do lado de fora terminam de comer e o Esposo não retorna.

Esposa: (Preocupada). Ele está demorando.

Amigo: Não se preocupe! Entrarei lá para chamá-lo! **(Ele se levanta).** Provavelmente ele deve estar rezando para Kali.

Esposa: Agradeço. **(Sorri).**

Amigo: Já volto. **(E entra no templo).**

Cadáver: Porém, dessa vez, foi o amigo que não retornou. A Esposa ainda mais preocupada resolve, cautelosamente olhar pela porta do templo. A cena que a jovem viu, foi aterrorizante demais para seu coração. **(Abre a porta do templo devagar e se assombra com o que viu, dando três passos para trás em desespero e virando-se para correr).**

Kali: (Com autoridade). Não vás! **(A Esposa para com medo).** Venças teus medos e tua tristeza!

Esposa: (Amedrontada). Quem está falando comigo?

Kali: Eu sou a deusa Kali, e te ordeno que deixes teus medos e tristezas de lado!

Esposa: (Incompreendida). Mas acabei de perder meu marido e meu melhor amigo.

Kali: E fugir covardemente trará algum benefício? Volte. Adentre o templo! Junte as cabeças aos corpos e eu os ressuscitarei!

Esposa: (Ainda amedrontada). Mas...

Kali: Sem “mas”! Tu não dizes que amas aqueles que se sacrificaram em meu templo? Proves!

Esposa: (Caminha devagar para o templo, ainda bastante amedrontada e adentra).

(A luz diminui).

Cadáver: E dentro do templo, a deusa Kali cumpriu sua promessa, porém no desespero a jovem cometeu um erro.

(A luz aumenta. No palco está os três. A Esposa no centro e um de cada lado. A cabeça do Esposo se encontra no corpo do Amigo e vice-versa. A esposa fica olhando de um para o outro confusa e, olhando para a platéia levanta as duas mãos em dúvida. As cortinas se fecham).

(Fim do 2º Cena – 4ª PP. Fim da 4ª PP).

8º Cena - PC

Cadáver: Naquela situação, a jovem Esposa não sabia o que fazer. Não sabia quem tomar como esposo. **(As cortinas se abrem. Está o Rei e o Cadáver).** Agora me responda, majestade: Quem, portanto, a jovem deve tomar como esposo? O que tem o corpo do marido ou o que tem sua cabeça? Se você souber a resposta e não...

Rei: (Respondendo sem pensar e interrompendo o cadáver). Àquele que tem a cabeça do esposo, pois pertence a cabeça a posição suprema sobre os outros membros.

Cadáver: Meus parabéns! Você é uma pessoa muito determinada, majestade. **(Irônicamente).** Sua filha é muito afortunada de tê-lo como pai.

Narrador: E o Rei escutou mais e mais histórias. Para cada uma delas, o Cadáver fazia perguntas e o Rei as respondia. **(O cadáver interpreta como se estivesse contando várias histórias e o rei como se estivesse escutando e respondendo repetidas vezes).** Parecia não haver nada que o Rei não soubesse responder, ou acreditasse não saber responder.

Cadáver: O senhor já deve estar se cansando de tantas histórias, não é majestade? Já foram 24, o senhor deve amar mesmo sua filha para estar se esforçando tanto, não é? Logo o dia está por vir, o sol vai nascer, os passarinhos vão cantar e a maldição não poderá ser desfeita. Deixe-me então parar de tomar seu tempo e ir direto para a próxima história.

5ª PP – O Parentesco Indecifrável

1º Cena – 5ª PP

Cadáver: Pai e filho, membros de uma tribo montanhesa de caçadores, estavam rastreando suas presas com todo cuidado e atenção que verdadeiros caçadores devem ter.

(Abrem as cortinas. Ambos caminham de vagar olhando para o chão. Parando de vez em quando para tocar algo que eles encontram, cheirar a mão, etc).

Cadáver: Eles estavam seguindo uma presa que serviria de janta à sua tribo, mas um outro rastro atraiu mais a atenção dos dois caçadores.

Pai: Filho! Veja isso.

Filho: (Analisando com cuidado). São pegadas de pessoas.

Pai: (Com uma pequena pausa). Não de quaisquer pessoas filho. São pegadas de duas mulheres.

Filho: (Olhando mais atentamente). O senhor tem razão!

Pai: (Analisando as pegadas). Pelos traços, elas não aparentam ser muito pesadas e seus passos são determinados e seguros. As pegadas não apontam cada uma para uma direção, como se tivessem pés desleixados, mas apontam seguramente para onde vão.

Filho: (Espantado). O que você acha que isso quer dizer?

Pai: Que são mulheres da nobreza, meu filho.

Cadáver: Não foi a toa que essas pegadas interessaram tanto aos dois. O pai perdeu sua mulher a mais de cinco anos, quando sua tribo fora invadida por inimigos e esses a

mataram. O filho era solteiro e não tinha nenhuma pretendente em sua tribo, já que as poucas mulheres que haviam sobrevivido ao ataque inimigo a cinco anos, já estavam prometidas ou já eram casadas, ou eram extremamente novas.

Filho: Vamos atrás delas pai?

Pai: Sim, iremos. Mas para evitar uma disputa entre nós, meu filho, vamos fazer um pacto.

Filho: Sem dúvida, pai.

Pai: Você percebe que uma das pegadas é levemente maior que a outra?

Filho: Sim.

Pai: A da pegada maior aparenta ser a mais madura das duas. Talvez seja uma mãe e uma filha. Assim, façamos o pacto de que a da pegada maior será a minha esposa, enquanto a de pegada menor, será a sua esposa.

Filho: **(Apertando a mão do pai).** Pacto feito, meu pai.

(A luz diminui).

Cadáver: Em acordo, pai e filho foram atrás de suas novas presas.

(A luz aumenta. No palco estão o Pai e o Filho se aproximando armados das duas mulheres que estão descansando de costas para eles).

Pai: Olá donzelas.

Rainha: **(Mostrando tranqüilidade).** Quem são vocês?

Pai: Somos caçadores.

Filho: **(Sorrindo).** E vocês são nossas presas.

Princesa: **(Amedrontada).** Não nos machuque.

Rainha: **(Olhando com advertência para sua filha e depois voltando a olhar para os caçadores).** Vocês pretendem nos ferir?

Pai: **(Estranhando a postura da mulher).** Não pretendemos, a não ser que vocês reajam.

Rainha: E o que querem?

Filho: Queremos tomá-las como nossas esposas!

Rainha: (Observa por um tempo ambos). Aceitamos. **(A filha a olha indignada).**

Princesa: Mãe...?

Rainha: (A adverte com o olhar novamente). Com certeza aceitamos.

Pai: (Espantado). Vocês entenderam que faremos de vocês nossas esposas?

Rainha: (Determinada). Sim! Entendemos.

Pai: (Estranhando). Mmm. E mesmo assim, não pretendem resistir a isso?

Rainha: Não temos nada a perder, apenas a ganhar com isso.

Pai: (Suspeito). É muito estranho ouvir isso da boca de uma nobre, quando essa está prestes a ser pega como esposa por caçador tribal.

Rainha: Não temos mais nada. Fomos obrigadas a fugir de nosso reino.

Princesa: (Amargurada). Éramos rainha e princesa daquele reino!

Rainha: (Levanta a mão para sua filha silenciar-se).

Pai: Rainha e princesa?

Rainha: Sim. Fui esposa do falecido rei. Ele foi assassinado e acusação caiu sobre nós!

Pai: Mmmm.

Princesa: (Triste). Agora estamos sem rumo. Sem saber o que fazer. E com certeza perseguidas pelos nossos antigos guardas.

Filho: Não se preocupem, protegeremos vocês.

Pai: (Olhando com curiosidade para o filho). Bem, então vocês virão conosco?

Rainha: Vocês não têm medo de serem atacados pelo reino?

Pai: Nossos inimigos são outras tribos e não o reino. Somos de uma tribo nômade, dificilmente os soldados do reino nos encontrarão.

Rainha: Então a resposta é sim.

Pai: Ótimo. Mas antes, precisamos cumprir um pacto feito entre eu e meu filho. Deixe-nos ver os seus pés.

(A Rainha e a Princesa se olham curiosamente).

Princesa: Se assim deseja. **(E mostra o pé para o Filho).**

Rainha: Veja. **(E mostra o pé para o Pai).**

(O Pai, querendo se certificar, olha para o pé da Princesa, e o Filho faz o mesmo com o da Rainha).

Filho: Pai! O pé maior é o da princesa!

Pai: Percebi filho.

Filho: O que faremos agora?

Pai: A palavra dada em um pacto não deve ser quebrada.

Filho: Pois isso pode trazer infortúnio para nós e para nossa tribo, certo pai?

Pai: Sim.

Filho: Então eu casarei com a rainha e o senhor com a princesa.

Pai: Exatamente filho.

(As duas se olham surpresas novamente. A luz diminui).

Cadáver: Um ano se passou após o casamento e cada uma teve um filho de seu respectivo esposo.

(A luz aumenta. Está a Rainha preparando comida, o Filho segurando um bebê e a Princesa ajudando sua mãe).

Filho: (Com cara de nojo). Hey, esse menino ta fedendo!

Rainha: (Sem virar-se). Esse menino é seu filho.

Filho: (Ainda com cara de nojo). Eu sei, mas ele está fedendo.

Rainha: Troque a fralda dele, oras!

Filho: Como?! Putz, isso é nojento!

Princesa: (Virando-se). Deixe que eu troco, seu fresco! Vai chamar seu pai e seu...
(Parando de falar com confusão no rosto).

Filho: (Também confuso). Meu? O que ele é meu?

Cadáver: E nesse momento, eles encontraram um paradoxo...

(Fim do 1º Cena – 5ª PP. Fim da 5ª PP).

9º Cena – PC

Cadáver: ...e não sabiam definir o parentesco que possuíam. Pois o Filho do caçador havia se casado com a mãe da Princesa. **(A cortina se abre. Estão o Rei e o Cadáver no palco).** Enquanto a filha da Rainha havia se casado com o Pai de seu padrasto. Responda-me, majestade: Qual era o exato parentesco entre os dois meninos que nasceram? Diz com precisão: o que eram e não eram um do outro? Se souber a resposta e não disser, eu voltarei para a árvore e nunca mais sairei de lá.

Rei: (Fica em silêncio, pensando por um bom tempo. Quando ele se dá conta de que não tem a resposta para aquela pergunta, seu rosto se ilumina de alegria e sua postura torna-se ereta).

Cadáver: Hahahahaha! Finalmente percebeu que é limitado? Que não tem a resposta para tudo e é suscetível a falhas?

Rei: (Balançando a cabeça, voltando de seu devaneio). Como?

Cadáver: Não percebeu que todo o tempo que gastou aqui foi guiado por sua arrogância?

Rei: (Abaixa a cabeça envergonhado, como se tivesse entendido o que o Cadáver queria mostrar-lhe).

Cadáver: Me agrada a sua determinação e o amor que tem por sua filha. Pode ficar com esse cadáver. Vou deixá-lo levar. Mas antes, devo lhe avisar. **(O tom se torna muito sério. O Rei olha o Cadáver nos olhos).** O Asceta é um impostor muito perigoso. Com poderosos encantamentos vai forçar-me a retornar a esse cadáver, que transformará em um ídolo. Ele pretende me colocar no centro de seu círculo mágico, venerar-me como uma

divindade, e, durante essa cerimônia, oferecer você como sacrifício. **(O Rei demonstra preocupação)**. Foi ele que amaldiçoou tua filha, para que você fizesse parte do ritual assim como está fazendo!

Rei: Como pude participar disso?

Cadáver: Foi sua soberba que trouxe você a esses campos. O mesmo sentimento de prepotência que faria você perder sua filha.

Rei: Por que não me disse antes que eu estava sendo enganado por estar cego pelo meu orgulho?

Cadáver: Ahahahah! Com toda sua arrogância, você acreditaria em um asceta ou em um cadáver? Hahahahhah

Rei: (Fica sem resposta e vira-se envergonhado). O que faço agora?

Cadáver: Para retirar a maldição de sua filha, você deve matá-lo. Saiba como será seu sacrifício: ele vai ordenar que você faça prostrações em reverência, primeiro de joelhos e depois prostrado na mais servil atitude de devoção, tocando o chão com a cabeça, mãos e ombros. Tentará então matá-lo em um só golpe com sua própria espada. Pense!

(Há um grande silêncio e o Cadáver cai próximo a árvore).

Rei: (Preocupado). Cadáver? **(O Cadáver não responde. Ele espera um tempo e se aproxima do corpo).** Cadáver? Responda-me mais uma coisa, por favor. **(Nenhuma resposta vem do corpo).** Por que, ele quer fazer esse ritual? **(Não há nenhuma resposta).**

(Fim do 9º Cena – PC).

10º Cena – PC

Narrador: Profundamente curioso e apreensivo, o Rei prosseguiu sua caminhada. Após o longo e sinistro percurso feito dentro do cemitério, **(abre-se as cortinas)**, o Rei chega ao local onde o falso Asceta se encontra, já com todos os preparativos do ritual.

Rei: (Colocando o Cadáver no centro do círculo). Aqui está o Cadáver, venerável Asceta.

Feiticeiro: Mmm. Então sua majestade conseguiu finalizar a tarefa.

Rei: E por algum momento você duvidou das minhas capacidades?

Feiticeiro: (Se aproximando do cadáver e arrumando-o). De modo algum, senhor, mas pelo tempo que demoraste, creio que deve ter sido uma tarefa árdua.

Rei: Concordo que foi, mas esse assunto não é interessante para o momento. **(Mudando o rumo da conversa, enquanto observa o Feiticeiro colocar o Cadáver no centro do círculo mágico).** Vamos direto ao que devemos fazer agora.

Feiticeiro: Nesse momento, Rei, peço apenas que fique de pé naquele local. **(Aponta para um círculo menor, dentro do círculo maior).**

Rei: Por que eu devo ficar lá?

Feiticeiro: Pois você será o beneficiado pelo ritual, não eu. Estou aqui apenas para lhe servir. Assim que eu invocar a divindade que tomará conta desse cadáver, é você que terá de fazer o pedido.

Rei: Agora está melhor. Gosto de ter respostas as minhas perguntas. **(Diz enquanto se posiciona no local indicado pelo Feiticeiro).**

Feiticeiro: Imagino que sim, majestade. **(O Feiticeiro toma seu lugar no ritual, próximo ao Rei, recita os cânticos mágicos e o Cadáver levanta-se).** Agora, Rei, você deve se prostrar diante da divindade, tocando sua cabeça no chão.

Rei: (Percebendo que é a hora prevista pelo Cadáver). Venerável Asceta, não tenho prática em prostrações. Não sei exatamente como fazer, por favor, me demonstre, para que eu possa fazer corretamente.

Feiticeiro: (Sem perceber a artimanha do Rei). Como quiser, majestade. **(E ele se prostra).**

Rei: (Quando o Feiticeiro toca sua cabeça no chão, o Rei saca sua espada e tenta cravar nas costas do Feiticeiro, na altura do coração, mas esse percebe a movimentação estranha e se esquiva, levantando-se). Vilão! Você não concluirá seu plano!

Feiticeiro: Então você percebeu? Ahahaha! Não há mais volta, majestade. Ou você se oferece como sacrifício, ou sua filha morrerá!

Rei: (Atacando o feiticeiro novamente, que se esquiva). Eu irei matá-lo e desfarei sua maldição!

Feiticeiro: (Ironicamente). Uuuu... Calma, majestade. Para que tanta violência? É bom que você saiba que estão tentando te enganar. Se você me matar, a maldição não será desfeita! Hahahahahh!

Rei: É o que veremos! **(Ele ataca novamente o Feiticeiro e o corta de raspão. O Feiticeiro se enfurece e ataca o pescoço do Rei, mas esse se esquivava e crava sua espada no feiticeiro).**

Cadáver: (Jubilosamente). HAHHAHAHAH! Você salvou bem mais do que sua filha hoje, majestade!

Rei: O que você está dizendo, espectro?

Cadáver: O necromante pretendia ter o poder absoluto sobre as almas, carniçais e sobre todas as outras presenças espirituais do domínio sobrenatural. Esse poder agora será seu, ó Rei, quando sua vida terrena terminar. Por enquanto, você será recompensado por sua virtuosa ação. O que deseja? Diga, e o seu desejo será atendido!

Rei: No momento apenas quero que minha filha, aquela que amo mais do que à minha própria vida, se livre de sua maldição.

Cadáver: Assim será! Hahahahaha!

(A luz diminui).

Narrador: A maldição que haviam imposto a filha do Rei foi desfeita. O Rei retornou ao seu castelo e encontrou sua filha forte e saudável novamente.

(A luz aumenta. O Rei está perto do trono com o Tesoureiro feliz ao lado. Sua filha entra na sala).

Princesa: Pai!!

Rei: Filha!!

(Eles se abraçam com muita felicidade).

Narrador: Essa maravilhosa e sinistra aventura chega ao fim. Todos os deuses se alegraram com a façanha do Rei e o próprio Shiva, pediu para que ele contasse a história para o Tesoureiro e para a Princesa. **(A luz diminui).** O Tesoureiro e a Princesa contaram para seus amigos. Os amigos desses, para seus amigos, e de boca em boca, essa história chegou aos dias de hoje, passada de geração a geração. Dizem que aonde essa história é

narrada os deuses enviam suas bênçãos e todos os espectros e demônios perdem seus poderes. Quem a recitar com devoção sincera ficará livre de todo sofrimento.

(Fim do 10º Cena – PC. Fim da Peça).